

TRADUÇÕES

CADERNO DE FIADO²⁷

De Mario Halley Mora

Tradução de Maria Liz Benitez Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

lizbet3006@hotmail.com

Tradução de Luiz Roberto Lins Almeida

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil

luizrlins@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i1.23346>

Quando me mudei para aquela casa, que por muito tempo esteve à venda, e para a qual não apareceu comprador (eu),²⁸ senão quando encheram uma vala carcomida pela erosão que ameaçava engolir o pátio, descobri que,²⁹ na inevitável despensa³⁰, os últimos habitantes haviam deixado os também inevitáveis trastes inservíveis. Uma cadeira quebrada, um retrato com a moldura carcomida e os vidros rotos de um personagem bigodudo e de olhar triste; um montão de livros desfolhados e incompletos etcetera.

²⁷ Conto publicado na obra “Cuentos, Microcuentos y Anticuentos”. O título original do conto é *La Libreta de Almacén*, que poderia ser traduzido literalmente como “O livreto do armazém”. No entanto, essa escolha afastaria do leitor de língua portuguesa do significado a ser desenvolvido no texto. O livro a que se refere o título é um livro de contabilidade (BARCO, 2002, p. 1528), um livro no qual se anotam as compras para posterior pagamento, procedimento comum em cidades do interior, ou mesmo em bairros de cidades maiores. Por essa razão, adotou-se o título “Caderno de fiado”, excluindo o artigo definido presente no original, obedecendo a critério de economia textual, conforme preconizado em manuais de redação jornalística contemporâneos, escolha que se considera válida por levar em conta que Halley Mora também exercia o ofício de jornalista.

²⁸ Vírgula ausente no original.

²⁹ Vírgula ausente no original, acrescentada para deixar entre vírgulas o adjunto adverbial de lugar.

³⁰ Utilizou-se a palavra despensa para traduzir *trascuarto*, que, segundo a Real Academia Española significa: *Vivienda o habitación que está después o detrás de la principal* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2018). O processo de formação da palavra no original traz consigo o advérbio *tras*, a indicar a parte de trás, dos fundos, e a palavra *cuarto* (PÉREZ, 1835, p. 47). Em tradução literal, seria o quarto dos fundos. Pelo contexto do conto, percebe-se que o sentido se aproxima mais de “divisão da casa, estabelecimento etc. em que se guardam mantimentos” (AULETE DIGITAL, 2018).

Revisava aqueles livros com a esperança de achar algum valioso, ou pelo menos útil, quando encontrei o caderno, vulgar, com linhas,³¹ e de 20 folhas. E bastante manuseado. Com primitiva letra de dono de armazém³², tinha escrito na capa: Caderno de Fiado.

Depois de folhear rapidamente o caderno, pensando que ainda teria folhas úteis – sou bastante avaro, confesso – e quando ia jogá-lo, porque não havia encontrado, ocorreu-me uma ideia, vaga e imprecisa ao princípio. Não estava escrita por acaso nessa monótona lista de compras a créditos vulgares, a história de uma família? No fim das contas, uma pessoa está feita do que come.

Voltei a estudar o caderno de fiado³³, na primeira página, que levava a data de 20 de setembro de 1945, em cujo dia se iniciaram as relações comerciais entre os antigos habitantes da casa e dono do armazém. Prova disso é que, antes do açúcar, arroz e azeite, a coluna correspondente ao 20 de setembro começava com essa anotação: “Um caderno de 20 *foia*³⁴ de uma linha – 50 centavos”; isto é, as compras a crédito começavam com a aquisição do próprio caderno. As anotações de 20 a 30 de setembro eram uma monótona sucessão do mesmo, as mesmas rotineiras compras de uma dona de casa bastante econômica (comprava por quartos de quilo), pelo que me ocorreu que havia sido (demasiado fantasioso) ao querer adivinhar através desse caderninho como eram e que faziam os desconhecidos habitantes da casa. No entanto, voltei a repassar a lista desses dez dias, e me dei conta de um

³¹ O conto traz uma dicotomia entre cadernos de *una raya* e *doble raya*. O primeiro é o caderno com linhas simples, o segundo, o de caligrafia.

³² Utilizou-se aqui a solução tradutória apontada por SOUSA (2017, p. 126), de se traduzir *almacenero* por “dono de armazém” ou “dono de vendinha”. Optou-se por “dono de armazém” para manter tanto a sonoridade do original, como para não dar um ar de excessiva coloquialidade e, por vezes, desprezo que possa induzir o uso do diminutivo.

³³ No original: *Volví a estudiar el cuaderno, o 'la libreta'*. A supressão da expressão *o la libreta* obedeceu a escolha de nomear a título como “O caderno de fiado”, não faria sentido introduzir essa alternativa, já que a palavra *livreto* ou *livreta* não aparece no texto ou no título do conto.

³⁴ No original: *oja*, representa uma escrita fonética da variedade utilizada no Paraguai pela classe baixa. Apresenta duas inadequações à norma padrão do espanhol: a primeira pela ausência da letra *h* no início da palavra e a segunda pela ausência de concordância numérica. Para tentar retratar essas duas inadequações, escolheu-se a forma “foia”, variação registrada em diversos pontos do Brasil (FERREIRA, 2011), como, por exemplo, em Mato Grosso (KARIM e KARIM, 2014), Pernambuco (MELO e CORDEIRO, 2012). Essas opções tradutórias obedeceram à observação de Schneider (2013) quanto à análise de variação linguística em fontes escritas, ao destacar que “quando as pessoas que tiveram uma experiência limitada na escrita e a exposição às normas de expressão escrita são obrigadas a escrever, a sua escrita reflete bastante as suas características de maneira bastante precisa: o que eles fazem é colocar suas próprias palavras ‘imaginadas’ em papel, com dificuldade”. Tal característica parece não ter escapado da percepção de Halley Mora, que procura marcar a classe social do personagem dono do armazém.

detalhe: em 21 de setembro, estava anotada uma compra: “pasta para engraxar preta: 30 centavos”, e outro: cada dia, religiosamente, anotava-se: “Um Alfonso XIII: 10”. Começava a tomar forma a imagem dELE. Era cuidadoso com seu aspecto pessoal, porém econômico, pois preferia ele mesmo lustrar seus sapatos a pagar um engraxate. Além do mais, não era velho; como demonstrava o fato de fumar um maço por dia de Alfonso XIII, de poderoso tabaco negro. Possivelmente era um empregado, pois se fosse trabalhador, não necessitaria lustrar seus sapatos, ou simplesmente não os teria; e esse fumar muito falava de um trabalho monótono, de escritório. E ELA? Desconsolava-me pensando que o caderninho não trazia uma só anotação que dera a chave de sua presença. Possivelmente – pensei – sequer existisse, que ELE fosse um solteirão. No entanto, em 4 de outubro de 1945, aparecia uma compra reveladora: “Linha Nº 16 e 3 pedaço de papel de seda colorido³⁵: 50”.

Uma pipa, claro. Então, ali havia uma criança. E se havia uma criança e um homem que fumava um maço por dia e que lustrava seus sapatos, também deveria aparecer uma mulher:³⁶ esposa, mãe. Porém nada aparecia que se referisse a ela. Não existia... ou se resignava a não existir? Sói acontecer: a mulher que se casa, que se anula, que não pede nada para si, que vive para o marido e para o filho, sumida, doméstica, recatada e do lar³⁷. Dei por certa a presença dessa pequena³⁸ que fazia do amor um caminho de sacrifício e renúncia, e tive a família reconstruída. Porém não tanto, deveria conhecer primeiro a idade do filho para deduzir a dos pais. No 14 de outubro encontrei uma anotação: “Um caderno de caligrafia: 50”. Para as tarefas escolares do filho, logo, e de “caligrafia”,³⁹ ou seja, de um tipo que somente se usa no

³⁵ No original: *Hilo N.º 16 y 3 plieque de papel de color*. Novamente, o autor busca representar o nível social do personagem por meio do registro de sua escrita *3 plieque* em lugar de *3 plieques*. Pelo texto que segue a excerto, verifica-se que se trata de papel para fazer pipa, por isso na tradução usou-se “papel de seda”.

³⁶ No texto disponibilizado pelo Instituto Cervantes (MORA, 2001), usa-se vírgula nesse ponto. Porém, estilisticamente, o uso de dois pontos parece o mais adequado e foi o utilizado na publicação da editora *El Lector* (MORA, 2003).

³⁷ No original, *ama de casa de cucharón y plumero*. A mera tradução literal neste caso carecia de sentido, ficaria algo como “dona de casa de concha e espanador”. Para evitar isso, utilizou-se a expressão “recatada e do lar”, que foi popularizada por meio de uma reportagem sobre a primeira-dama brasileira, que foi descrita como “bela, recatada e ‘do lar’” (LINHARES, 2016). Essa opção tradutória considerou que “somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e de suas intenções” (ARROJO, 2003, p. 41).

³⁸ Optou-se por traduzir *mujercita* por “pequena”, pois o uso de “mulherzinha” resvalaria na questão da carga pejorativa que traz esse diminutivo.

³⁹ Novamente há diferenças de pontuação nos originais analisados. No texto disponibilizado pelo Instituto Cervantes (MORA, 2001), usa-se vírgula nesse ponto. Na versão da editora *El Lector* (MORA, 2003), usa-se ponto-e-vírgula.

primeiro ou no segundo ano. Então, o menino teria entre 6 e 7 anos. A partir disso, fiz uma imagem mental da família: ELE⁴⁰, não mais de trinta, magro (compravam por quartos de quilo), sério e formal (nunca fiou nem sequer uma garrafa de cerveja) e amante de seu filho (fazia-lhe pipas...). ELA, pequenina, apagada⁴¹, humilde, jovem de corpo, velha de coração. O MENINO, de seis ou sete anos. Enfim, um trio comum e corrente.

Pensei que deveria dar-me por satisfeito. Que já nada me diria sobre aquelas vidas o sujo caderno de fiado. Até que em 12 de novembro encontrei duas anotações que saíam da rotina: “2 cafiaspirina – meio litro de álcool retificado: 1.80”. Um dos três estava doente. Mas quem? A resposta estava nas anotações do dia seguinte. 13 de novembro: “Um peão, um metro e meio de linha de pescar: 25”. O doente era o menino. O⁴² estavam subornando para tomar o xarope. Não podia ser de outra maneira, pois se um dos pais estivesse em cama, não seria o momento de comprar um brinquedo ao menino. Teria se recuperado? Examinei as compras dos dias seguintes, 14, 15, 16, 17 de novembro, e eram as de rotina. Porém no dia 18, neste constava um artigo que nunca aparecera: “Um sabonete Palmolive: 1.50”. Voltei atrás, e comprovei que todas as compras anteriores de sabão se referiam ao vulgar sabão de coco, de 20 centavos. Por que de repente um sabonete de luxo? Fiquei desconcertado e examinei a folha de 18 de novembro, mais cafiaspirina. O menino continua doente. Então, surgiu a resposta: visitas. Visitas que iam ao banheiro para lavar as mãos. Visitas a quem se tinha vergonha de mostrar miséria:⁴³ um médico, talvez um médico amigo e generoso, a quem pelo menos se devia a homenagem de um sabão perfumado para mãos. Entre 18 e 30 de novembro, à primeira vista, o caderninho não oferecia nada sobre o curso da doença do menino. No entanto, um detalhe surgiu, sutil e perigoso. O pai já não comprava um maço diário de Alfonso XIII, mas a cada dois dias. Além do mais, somando as compras, notava-se que se

⁴⁰ Na versão da editora *El Lector* (MORA, 2003), apenas a primeira letra está em caixa alta *El*. No entanto, como nas demais referências, usa-se a maiúscula, assim como na versão digital (MORA, 2001), todo o pronome foi mantido em caixa alta, até para garantir o paralelismo.

⁴¹ No original, *desdibujada*.

⁴² Em espanhol, a regra para colocação pronominal é a ênclise. A norma do português padrão, indica que uma sentença não deve ser iniciada pelo pronome enclítico. Apesar disso, seu uso é bastante comum na fala, já tendo essa disparidade entre norma e fala sido objeto de crítica por Oswald de Andrade em seu poema “pronominais” (MORICONI, 2001). Então, para deixar o texto mais próximo ao original e à fala do português brasileiro, escolheu-se a colocação enclítica do pronome.

⁴³ Há diferenças de pontuação nos textos analisados. O texto digitalizado (MORA, 2001) usa ponto-e-vírgula, enquanto a versão de homenagem (MORA, 2003) usa dois pontos.



havam reduzido. Limitavam-se ao essencial. Economizavam. A situação do⁴⁴ menino deve ter sido grave. E mais adiante, isso pareceu confirmar-se. Estava anotado no 6 de dezembro, com a letra primitiva, porém tão plena de vitalidade daquele obscuro dono de armazém que, pelo visto, tinha coração: “Dinhero⁴⁵: 50.00 guarani⁴⁶”. Tiveram que recorrer a um empréstimo.

De 7 a 15 de dezembro não aparecia absolutamente nada, nem sequer a sacrossanta compra de cigarros, nem o mais elementar para comer. Teriam levado o menino ao Hospital?

Com ansiedade, olhei a página seguinte, que era última que fora utilizada. Levava a data de 22 de dezembro, e a letra do dono do armazém aparecia um pouco mais trêmula: “2 pacote⁴⁷ de vela de parafina⁴⁸, grande. Meio metro fita negra. Dinhero: 50.00 (cortesia da casa)”.

LA LIBRETA DE ALMACÉN

Cuando me mudé a aquella casa que por mucho tiempo estuvo en venta, y para la cual no apareció comprador (yo) sino cuando rellenaron una zanja carcomida por la erosión que amenazaba tragarse el patio, descubrí que en el inevitable trascurso, los últimos habitantes habían dejado los también inevitables trastos inservibles. Una silla rota, un retrato con los marcos comidos y los vidrios rotos de un personaje bigotudo y de mirada triste, un montón de libros deshojados e incompletos, etc., etc.

Revisaba aquellos libros con la esperanza de hallar alguno valioso, o por lo menos útil, cuando encontré el cuaderno, vulgar, de «una raya» y de 20 hojas. Y

⁴⁴ No original consta *lo del chico*, que é uma estrutura típica do espanhol, útil para se referir a um assunto subentendido ou a que se queira aludir, sem mencioná-lo expressamente (PARAZUELOS, 1995, p. 98).

⁴⁵ Os originais diferem na escrita da palavra *efectivo*, o texto da editora *El Lector* (MORA, 2003) apresenta a palavra escrita corretamente: *efectivo*. Já no texto disponibilizado pelo Instituto Cervantes (MORA, 2001) grafa-se *efectibo*. Nessa segunda base textual, parece haver um destaque à escrita fonética do dono do armazém, uma vez que, no espanhol latino americano, não há distinção fonética entre o uso do b e do v. Neste aspecto, o segundo texto parece mais fiel às marcações linguísticas colocadas pelo autor e, por isso, adotou-se a palavra “dinhero”, sem a ditongação para representar a variedade linguística utilizada pelo dono do armazém.

⁴⁶ Guaraní é a moeda corrente no Paraguai desde 1943, cujo plural é “guaranies”, uma vez mais há a marcação da variedade da classe social baixa, que tende a carecer de concordância nominal.

⁴⁷ Outra vez, nas anotações do dono do armazém, constata-se a ausência da concordância numérica.

⁴⁸ No texto original, *vela esperma*. Esperma também tem a acepção de *sustancia grasa que se extrae de las cavidades del cráneo del cachalote, empleada para hacer velas y en algunos medicamentos* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2018).



bastante manoseado. Con primitiva letra de almacenero, tenía escrito en la tapa: Libreta de Almacén.

Después de hojear rápidamente el cuaderno, pensando que aún tendría hojas útiles -soy bastante avaro, lo confieso-, y cuando iba a tirarlo, porque no las encontré, se me ocurrió una idea, vaga e imprecisa al principio. ¿No estaba escrita acaso en esa monótona lista de compras a créditos vulgares la historia de una familia? Al fin de cuentas, uno está hecho de lo que come.

Volví a estudiar el cuaderno, o la «libreta», en la primera página, que llevaba fecha del 20 de setiembre de 1945, en cuyo día se iniciaron las relaciones comerciales entre los antiguos habitantes de la casa y el almacenero. Prueba de ello es que, antes del azúcar, el arroz y el aceite, la columna correspondiente al 20 de setiembre, empezaba con esta anotación: «*Un cuaderno de 20 oja de una raya - 50 céntimos*», es decir, que las compras a crédito empezaban con la adquisición del cuaderno mismo. Las anotaciones del 20 al 30 de setiembre, eran una monótona sucesión de lo mismo, las rutinarias compras de una ama de casa bastante ahorrativa (compraba por cuartos de kilo), por lo que se me ocurrió que había sido demasiado fantasioso al querer adivinar a través de esa libreta cómo eran y qué hacían los desconocidos habitantes de la casa. Sin embargo, volví a repasar la lista de esos diez días, y me fijé en un detalle: el 21 de setiembre estaba anotada una compra: «*crema de lustrar negra: 30 céntimos*»; y otro: cada día, religiosamente, se anotaba: «*Un Alfonso XIII: 10*». Empezaba a tomar forma la imagen de ÉL. Era cuidadoso de su aspecto personal, pero ahorrativo, pues prefería lustrarse él mismo los zapatos antes que pagar a un lustrabotas. Además no era viejo, como lo demostraba el hecho de fumar un paquete por día de Alfonso XIII, de poderoso tabaco negro. Posiblemente era un empleado, pues si hubiera sido obrero no necesitaría lustrarse los zapatos, o simplemente no los tendría; y ese fumar mucho hablaba de un trabajo monótono, de oficina. ¿Y ELLA? Me desconsolé pensando que la libreta no traía una sola anotación que diera la clave de su presencia. Posiblemente -pensé- ni siquiera existiese, que ÉL fuera un solterón. Sin embargo, el 4 de octubre de 1945 aparecía una compra reveladora: «*Hilo N.º 16 y 3 pliegue de papel de color: 50*».

Un barrilete, claro. Entonces, allí había un niño. Y si había un niño, y un hombre que fumaba un paquete por día y se lustraba los zapatos, también debería aparecer



una mujer, esposa, madre. Pero nada aparecía que se refiriera a ella. ¿No existía... o se resignaba a no existir? Suele suceder, la mujer que se casa, que se anula, que no pide nada para sí, que vive para el marido y para el hijo, sumisa, doméstica, ama de casa de cucharón y plumero. Di por sentada la presencia de esta mujercita que hacía del amor un camino de sacrificio y renuncia, y tuve a la familia reconstruida. Pero no tanto, debería conocer primero la edad del hijo para deducir la de los padres. El 14 de octubre encontré una anotación: «*Un cuaderno de doble raya: 50*». Para las tareas escolares del hijo, desde luego, y de «doble raya», es decir, de un tipo que sólo se usa en primero o segundo grados. Entonces, el chico estaría entre los 6 y 7 años. Partiendo de allí, hice una imagen mental de la familia: ÉL, no más de treinta, flaco (compraban por cuartos de kilo), serio y formal (nunca se anotó ni siquiera una botella de cerveza) y amante de su hijo (le hacía barriletes...). ELLA, menudita, desdibujada, humilde, joven de cuerpo, vieja de corazón. EL NIÑO, de seis o siete años. En fin, un trío común y corriente.

Pensé que ya debería darme por satisfecho. Que ya nada me diría de aquellas vidas antiguas la sucia libreta de almacén. Hasta que el 12 de noviembre encontré dos anotaciones que salían de la rutina: «*2 cafiaspirina - medio litro de alcohol retificado: 1.80*». Uno de los tres había enfermado. Pero ¿quién? La respuesta estaba en las anotaciones del día siguiente, 13 de noviembre: «*Un trompo, metro y medio de liña de pescar: 25*». El enfermo era el chico. Lo estaban sobornando para tomarse el jarabe. No podía ser de otra manera, pues si uno de los padres estuviera en cama, no sería el momento de comprarle un chiche al nene. ¿Se habría repuesto? Examiné las compras de los días siguientes, 14, 15, 16, 17 de noviembre, y eran las de rutina. Pero el 18, a éste se sumaba un artículo que nunca apareció: «*Un jabón Palmolive: 1.50*». Volví atrás, y comprobé que todas las compras anteriores de jabón se referían al vulgar jabón de coco, de 20 céntimos. ¿Por qué de repente un jabón de lujo? Quedé desconcertado y examiné la hoja del 18 de noviembre, más cafiaspirina. El chico seguía enfermo. Entonces, surgió la respuesta: visitas. Visitas que iban al baño a lavarse las manos. Visitas a quienes se tenía vergüenza de mostrar miseria; un médico, tal vez un médico amigo y generoso, a quien por lo menos se le debía el homenaje de un jabón perfumado para las manos. Entre el 18 y el 30 de noviembre, a primera vista, la libreta no ofrecía nada sobre el curso de la enfermedad del chico. Sin embargo, un detalle surgió, sutil y peligroso. El padre ya no compraba un paquete

diario de Alfonso XIII, sino cada dos días. Además, sumando las compras, se notaba que se habían reducido. Se estaban limitando a lo esencial. Ahorraban. Lo del chico debió ser grave. Y más adelante, esto pareció confirmarse. Estaba anotado el 6 de diciembre, con la letra primitiva, pero tan plena de vitalidad de aquel oscuro almacenero que, por lo visto, tenía corazón: «*Efectibo: 50.00 guaraní*». Habían tenido que recurrir a un préstamo.

Del 7 al 15 de diciembre no aparecía absolutamente nada, ni siquiera la sacrosanta compra de cigarrillos, ni lo más elemental para comer. ¿Habrían llevado al chico al Hospital?

Con ansiedad, miré la página siguiente, que era la última que fuera utilizada. Llevaba fecha del 22 de diciembre, y la letra del almacenero aparecía un poco más temblorosa:

«*2 paquete vela esperma, larga. Medio metro cinta negra. Efectibo: 50.00 (obsequio de la casa)*».

Mario Halley Mora: vida e obra

Mario Halley Mora, nascido em Coronel Oviedo, em 1926, e falecido em Asunción, em 2003, foi um dos mais prolíficos escritores paraguaios. Dedicou-se ao jornalismo, atuando em publicações como *El País*, *La Unión* e *Patria*. Também pode ser considerado o maior dramaturgo paraguaio (RÍOS, 2006), com mais de 60 peças teatrais, dentre as quais *Un rostro para Ana*, *Testigo Falso* e *En busca de María*. Suas narrativas também incluem romances e contos. Dentre seus romances, destacam-se *Los hombres de Celina* e *Amor de Invierno* (MÉNDEZ-FAITH, 2001).

O livro do qual se extrai o conto traduzido é *Cuentos, microcuentos y anticuentos*, publicado em 1987, e que introduziu o conceito de microcontos na literatura paraguaia. Para a tradução foram utilizados como texto fonte a edição digital do livro disponibilizada pelo Instituto Cervantes (MORA, 2001) e a edição de homenagem à obra de Mario Halley Mora pela editora *El Lector* (MORA, 2003).

Projeto de Tradução

Paraguay: una isla rodeada de tierra, afirmava Augusto Roa Bastos (1977), escritor paraguaio, sintetizando, de um modo metafórico, a pouca expressividade cultural do país no contexto Latino-americano. Eric Nepomuceno (2013) complementa essa afirmação de Roa Bastos: “E, sim, literatura paraguaia existe”, apesar de que “ao longo dos tempos, temos demonstrado um formidável talento para ignorar a literatura paraguaia”.

Assim, a literatura paraguaia ocupa uma posição periférica no polissistema literário regional, segundo a perspectiva de Even Zohar (2013). Em outras palavras, pode-se dizer que a literatura paraguaia se encontra entre o sistema literário não canonizado.

Tendo em vista que essa posição periférica decorre mais da ignorância da existência da literatura produzida no Paraguai do que no julgamento do sistema literário paraguaio, apresenta-se a tradução de conto de Mario Halley Mora, contemporâneo de Roa Bastos. Menos conhecido no exterior do Roa Bastos – que, exilado, zarpou da ilha cercada de terra para navegar por outros continentes –, Halley Mora ancorou-se em seu país, sem fazer oposição política ao regime stronista. Desse modo, enquanto a produção de Roa Bastos foi conhecida no exterior, quase que como metonímia de literatura paraguaia, a produção de Halley Mora ficou confinada aos limites da fronteira do país.

A fim de possibilitar que se tenha uma visão, ainda que turística, dessa ilha encravada no seio da América do Sul, apresenta-se uma proposta de tradução comentada do conto *La Libreta de Almacén* do escritor paraguaio Mario Halley Mora, publicado em 1987.

Feita essa apresentação cartográfica, a fim de localizar a produção de Halley Mora no cenário das produções literárias paraguaias, é de se registrar que sua literatura é marcada pela experimentação artística: publicou obras teatrais, poemas, contos, romances, roteiros, quadrinhos e letras de músicas. Sua obra explora principalmente a realidade urbana da capital paraguaia e a hipocrisia da classe média (CORTÉS e BARREA-MARLYS, 2003, p. 347).

O texto traduzido faz parte do livro *Cuentos, microcuentos y anticuentos*, que já demonstra as experimentações do autor quanto às formas narrativas. Além dos

contos, Halley Mora introduz a técnica narrativa do microconto na literatura paraguaia, buscando narrar histórias da maneira mais sintética possível. Também introduziu o conceito de anticonto, um gênero que desborda do relato tradicional, apresentando soluções absurdas às situações apresentadas (BARCO, 2002).

As experimentações do autor não se restringem aos gêneros; também explora os narradores, focos narrativos e a forma de narrar, o que faz com que a obra flua de modo dinâmico. Ora o narrador é heterodiegético, ora homodiegético; ora a narrativa se funda em uma leitura de um caderno de fiado – como no conto traduzido –, ora é uma transcrição de uma fita gravada (*Cinta Grabada*) ou uma conversa telefônica (*La Cita*) ou excertos de diários (*Los dos Diarios*).

Por fim, ainda que, na tradução que se apresenta, o texto fonte tenha sido redigido integralmente em espanhol, é importante considerar que a variante utilizada é a do espanhol paraguaio, que é fruto de contato linguístico secular com o guarani. Ao autor essa realidade não passava despercebida, ao contrário, busca reproduzir essas peculiaridades na fala dos narradores e personagens. Dentre as influências do contato do espanhol com o guarani, pode ser destacada a concordância desviada da norma padrão da língua espanhola, vez que o guarani não apresenta formas plurais para as palavras.

Portanto, um dos desafios dessa tradução foi a passagem de um texto que articula dois sistemas linguísticos geneticamente distintos (guarani e espanhol) para outro sistema, o da língua portuguesa.

Referências Bibliográficas

ARROJO, R. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2003.

AULETE DIGITAL. Dicionário Caldas Aulete. **dispensa**, 2018. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/dispensa>>. Acesso em: 24 junho 2018.

BARCO, J. V. P. **Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1995)**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/literatura-y-sociedad-la-narrativa-paraguaya-actual-19801995--0/>>. Acesso em: 22 junho 2018.

BASTOS, A. R. Paraguay una isla rodeada de tierra. **El Correo de la París**, UNESCO, 1977.



EVEN-ZOHAR, I. TEORIA DOS POLISSISTEMAS. **Revista Translatio**, Porto Alegre, v. 5, p. 1-21, 2013.

FERREIRA, M. M. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do Banco de Dados Varsul (Dissertação)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49688>>.

KARIM, J. M.; KARIM, T. M. A vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar da comunidade de Cáceres no Alto Pantanal do Mato Grosso. **Ecós**, Cuiabá, v. 17, p. 250-269, 2014.

LINHARES, J. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. **Veja**, São Paulo, 18 abril 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 23 junho 2018.

MELO, C. T. D.; CORDEIRO, M. S. D. L. Diversidade Linguística e ensino de Língua Portuguesa. **Anais IV FIPED**, v. 1, 2012. ISSN 2316-1086.

MÉNDEZ-FAITH, T. **Breve diccionario de la literatura paraguaya**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/breve-diccionario-de-la-literatura-paraguaya--0/>>.

MORA, M. H. **Cuentos, microcuentos y anticuentos**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/portales/literatura_paraguaya/obra/cuentos-microcuentos-y-anticuentos--0/>.

MORA, M. H. **Cuentos, Microcuentos y Anticuentos**. Asunción: El Lector, 2003.
MORICONI, Í. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NEPOMUCENO, E. E, sim, literatura paraguaia existe. **Estadão**, 2013. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,e-sim-literatura-paraguaia-existe-imp-,989047>>. Acesso em: 07 julho 2018.

PARAZUELOS, M. H. C. Lo que es a ellos, ¡lo difícil que les resulta! **Actuales tendencias en la enseñanza del español como lengua extranjera II : actas del VI Congreso Internacional de ASELE** :, León, p. 97-104, outubro 1995. ISSN ISBN 84-7719-586-2. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/06/06_0096.pdf>.

PÉREZ, V. S. Y. **Gramática de la lengua castellana segun ahora se habla**. Paris: Librería de V. Salva, 1835.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**, 2018. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=aQ1WFnB>>. Acesso em: 24 junho 2018.



RÍOS, E. D. L. La expresión bilingüe del teatro paraguayo. **Latin American Theatre Review**, v. 40, p. 139-148, 2006. Disponível em: <<https://journals.ku.edu/latr/article/view/1551/1526>>. Acesso em: 23 junho 2018.

SCHNEIDER, E. W. Investigating historical variation and change in written documents: new perspectives. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 57-82.

SOUZA, M. C. B. **Tradução comentada de contos fantásticos de Silvina Ocampo**: uma seleção de narrações sobre a infância (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24494/1/2017_Mau%C3%ADCastroBatistaSousa.pdf>. Acesso em: 22 junho 2018.

Biografia dos autores

Maria Liz Benitez Almeida é doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em Comunicação para o Desenvolvimento pela Universidad Nacional del Este (UNE-Paraguai).

Luiz Roberto Lins Almeida é Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Recebida em: 28/02/2019
Aceita em: 26/05/2019
Publicada em junho de 2019